

Desafios na saúde para pessoas trans

Problemas no atendimento médico incluem falta de acolhimento e exclusão, contribuindo para o agravamento da saúde dos pacientes

Segundo um estudo da Unesp, o Brasil tem 4 milhões de pessoas transgêneras e não-binárias, representando 1,9% da população total de 212,6 milhões. Devido a essa parcela, é evidente a urgência de políticas públicas para atender essa minoria. No entanto, muitas ainda expressam desconfiança aos serviços médicos por conta de experiências negativas. Um estudo encomendado pela farmacêutica Sanofi alega que 86% das pessoas da comunidade LGBTQIA+ já tiveram uma experiência ruim em atendimento médico. O grupo que teve uma porcentagem maior foi com pessoas com deficiência, 87%.

A consequência real disso é que a falta de compreensão e acolhimento sobre pessoas trans pode gerar riscos sérios de vida. Homens trans, por exemplo, precisam de consultas periódicas de ginecologistas para prevenir doenças e outras complicações de saúde. Exames preventivos e a capacitação de médicos podem contribuir na redução da mortalidade desse grupo. Não só em doenças como HIV ou hepatite A, mas câncer. Segundo os dados da University Medical Center, em Amsterdã, homens cis gênero são 46 mais capazes de desenvolver um câncer de mama do que mulheres pela falta de diálogo sobre a complicação. Assim, juntando com a desigualdade no acesso à saúde aqui no Brasil, minorias, incluindo a comunidade LGBTQIA+, estão mais vulneráveis pela falta de conscientização.

Atualmente, não há muitos centros de atendimento para pessoas trans no país. Além da falta de profissionais treinados para tratamentos específicos a indivíduos transgêneras, também tem pouco investimento do Estado para tais serviços. Em São Paulo, o Centro de Referência de Saúde Integral para a População de Travestis e Transexuais Janaína Lima é a mais recente unidade de saúde especializada em pessoas trans e tem a capacidade de realizar mais de 1.200 consultas por mês.

Sobretudo, a saúde mental de pessoas trans também é um desafio da sociedade em não só como resolver, mas como abordá-lo. Na mídia, há vários casos de violência e transfobia pelo o país, sem mencionar que é sempre repetido o fato que o Brasil é o país em que mais pessoas trans morrem no mundo. As constantes notícias de assassinatos, discriminação e a limitação da expectativa de vida das pessoas trans, indiretamente, causa uma sensação de ansiedade, medo e depressão. Embora esse estado de violência deve ser combatido, esse grupo é mais retratado em notícias trágicas e negativas ao invés de naturalmente positivas.

Jaqueline Gomes Jesus, uma psicóloga da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), diz que a mudança de foco não significa esconder a grave realidade em que vivemos, mas reconhecer que pessoas trans na sua pluralidade e na sua potência e criar meios que sejam reconhecidas pela sociedade

"É ter a realidade como um dado, mas criar condições de visibilidade para que as pessoas trans possam se ver em lugares potentes, transformadores, e possam ocupar esses lugares

e ser vistas na sociedade nesses lugares”, diz Jaqueline. “É isso que vai criar saúde mental para a população trans na nossa cultura.”

Ademais, esse problema precisa não só ser resolvido na área da saúde, mas também no meio da comunicação e Justiça. Conscientização pela população sobre esse grupo, ter uma conversa sincera com o povo e inclusão de pessoas trans nos setores públicos e privados, além nos espaços de formação e produção de conhecimento, como professores, cientistas e jornalistas.